



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

RENATA ALESANDRA OLIVEIRA NEVES

**AS (HOMOS)SEXUALIDADES NA PSICANÁLISE: UMA LEITURA DO BOM-
CRIOULO**

CAMPINA GRANDE – PB

2015

RENATA ALESANDRA OLIVEIRA NEVES

**AS (HOMOS)SEXUALIDADES NA PSICANÁLISE: UMA LEITURA DO BOM-
CRIOULO**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jailma Belarmino Souto

CAMPINA GRANDE – PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N518h Neves, Renata Alesandra Oliveira.

As (homos)sexualidades na psicanálise [manuscrito] : uma leitura do bom-crioulo / Renata Alesandra Oliveira Neves. - 2015. 31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2015.

"Orientação: Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto, Departamento de Psicologia".

1. Sexualidade. 2. Homossexualidade. 3. Psicanálise. I.
Título.

21. ed. CDD 150.195

RENATA ALESANDRA OLIVEIRA NEVES

**AS (HOMOS)SEXUALIDADES NA PSICANÁLISE: UMA LEITURA DO BOM-
CRIOULO**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Aprovada em: 03 / 12 / 2015 .

BANCA EXAMINADORA



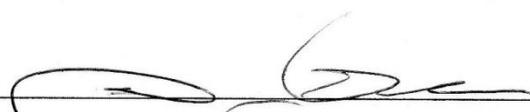
Prof.ª Dr.ª Jailma Belarmino Souto / UEPB

Orientadora



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio / UEPB

Examinador



Prof. Ms. Jorge Dellane da Silva Brito / UEPB

Examinador

AS (HOMOS)SEXUALIDADES NA PSICANÁLISE: UMA LEITURA DO BOM-CRIOULO

“Do ponto de vista da Psicanálise, nem sequer o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é algo óbvio, senão um problema que requer esclarecimento, pois não é fato evidente em si mesmo.”

Sigmund Freud

NEVES, Renata Alesandra Oliveira¹

RESUMO

O presente trabalho objetiva desenvolver uma análise acerca da temática da homossexualidade, detendo-se também à leitura de outras facetas da sexualidade no campo da escolha de objeto sexual dos personagens presentes na obra *Bom-Crioulo* do escritor naturalista Adolfo Caminha (1895), a partir dos pressupostos teóricos da psicanálise. Para a sua realização, são tecidas considerações sobre as possíveis interlocuções entre a psicanálise e a literatura, breves considerações sobre a história da homossexualidade a partir de diversos discursos (ciência, religião, medicina e psicanálise), bem como as homossexualidades e os desdobramentos da sexualidade na teoria psicanalítica com base em Freud e Lacan. Por conseguinte, constatou-se que Adolfo Caminha, sem se dar conta, fala de algo que fura o discurso naturalista, revelando na sua escrita o sujeito do inconsciente diante da impossibilidade de calar o seu apelo pulsional.

Palavras-chave: Homossexualidade; Sexualidade; Psicanálise.

1 INTRODUÇÃO

Aproximar a Psicanálise e a Literatura é uma tarefa que possui inúmeras possibilidades de interseção, uma vez que esses dois campos de saberes dialogam entre si. De acordo com Bellemin-Noel (1978), a literatura carrega nos seus flancos o não-consciente, e por isso somos tentados a aproximá-la com a psicanálise, uma vez que sua teoria trata daquilo que escapa ao consciente. Nesse sentido, vários autores revelam as importantes contribuições que as obras literárias podem oferecer à teoria psicanalítica, uma relação que fora percebida

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: renataaoneves@gmail.com

ainda com Freud, constituindo um dos seus maiores legados que desenvolveu com mestria esses pontos de interseção ao longo de sua obra.

Em 1930, Freud ganhou o *prêmio Goethe de Literatura* pelo conjunto de sua obra científica, porém, Freitas (2001) afirma que sua produção foi acusada, por alguns ingênuos, de ser escrita como um romance. No discurso lido na ocasião por sua porta voz Anna Freud (1930), Freud afirma que “Goethe não teria rejeitado a psicanálise”, pois ele próprio fez essa aproximação numa série de pontos e identificou, através de sua própria compreensão interna, muita coisa que a psicanálise pode afirmar. Assim, fica evidente o quanto Freud valorizava a literatura e os poetas, e não por acaso se dedicou a fazer interpretações e comentários sobre a literatura, reconhecendo que os poetas e escritores anteciparam o que a psicanálise posteriormente descobriu da psique humana.

Nessa perspectiva, o presente trabalho objetiva desenvolver uma análise acerca da temática da homossexualidade, detendo-se também à leitura de outras facetas da sexualidade no campo da escolha de objeto sexual dos personagens presentes na obra *Bom-Crioulo* do escritor naturalista Adolfo Caminha (1895), a partir dos pressupostos teóricos da psicanálise.

Dentre as diversas formas de manifestação da sexualidade, a homossexualidade, aqui definida como a orientação sexual que envolve a atração afetivo-sexual entre pessoas do mesmo sexo, sempre existiu ao longo da história, nas mais diferentes sociedades e culturas, permitindo posicionamentos sociais, ora de aceitação ora de repulsa (TONIETTE, 2006). Isto posto, a homossexualidade vem sendo alvo de inúmeros discursos, a saber, da ciência, da religião, da medicina, entre outros campos.

No âmbito desses discursos, surge a contribuição da psicanálise, onde Freud subverte a concepção de sexualidade humana apontando para um lugar diferente da moral imposta pela sociedade. O desenvolvimento de sua teoria revela importantes características da sexualidade humana que fazem parte da constituição do sujeito: os desvios dos comportamentos, dos objetos e dos objetivos sexuais; a organização bissexual da criança (FREUD, 1905); a passagem pelo Complexo de Édipo (FREUD, 1924).

Ao postular o conceito de pulsão em 1914, Freud aponta que é na pulsão que está ancorada toda a sexualidade humana e seus desdobramentos. Segundo Marques (2013), ao conceber a sexualidade por meio do funcionamento pulsional, com sua essência polimorfa, Freud coloca todos os sujeitos em igualdade – da criança ao adulto – e estabelece uma nova ponte entre o normal e o patológico. A partir de então, tudo o que sai do esquema da dita normalidade é justamente a sexualidade que permeia o sujeito do inconsciente.

Nesse contexto, Freud promove uma ampliação das discussões sobre os desvios da sexualidade, e permite que se fale em homossexualidade a partir da constituição bissexual dos sujeitos, afirmando que existe em todo ser humano, componentes heterossexuais e homossexuais (FREUD, 1905). Assim, ao longo de seu percurso Freud (1927) coloca a questão da homossexualidade como um mistério pertinente à subjetividade do um a um. Baseado em Freud, Quinet (2013) afirma que qualquer teoria que generalize a homossexualidade é falsa, qualquer etiologia única que se diga ‘como se faz um homossexual’ é preconceituosa e toda patologização da homossexualidade é racista.

Ao responder a uma mãe preocupada com a homossexualidade de seu filho, Freud em 1935, já apontava que esta não é nenhuma desvantagem, nem tampouco uma vantagem, “ela não é motivo de vergonha, não é uma degradação, não é um vício e não pode ser considerada uma doença” (FREUD apud JONES, 1979, p. 739). Deste modo, toda escolha de objeto sexual (homossexual, heterossexual) realizada pelo sujeito é legítima e obedece a uma lógica inconsciente guiada por mecanismos de sua constituição psíquica. Com base em Freud e Lacan, a escolha do sexo deve ser entendida a partir da escolha da posição sexuada dentro da partilha dos sexos e da escolha de objeto sexual, o que são de âmbitos totalmente distintos. Destarte, Freud lança mão dos destinos da pulsão, da identificação edipiana e da escolha de objeto como principais apontamentos teóricos sobre esta questão.

Lacan, em sua releitura à obra freudiana, trouxe contribuições relevantes para a compreensão das manifestações da sexualidade. Considerando o sujeito da linguagem, é possível citar o aforismo lacaniano “não há relação sexual” como norteador de seu aporte teórico no que diz respeito às considerações sobre as facetas da sexualidade, incluindo a homossexualidade. Outros pontos que merecem destaque é a noção de “diferença sexual” como resultado de uma ordenação simbólica de significantes, e as fórmulas da sexuação para se pensar a diferença de gozo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Interloquções entre a psicanálise e a literatura

Psicanálise e Literatura são dois discursos autônomos e delimitados. Desse modo, procuramos sempre respeitá-los em suas diferenças, tendo como hipótese de trabalho a proximidade entre ambos, proximidade nascida tanto da íntima relação que Sigmund Freud

manteve com o texto literário, como do fato de ele revelar-se exímio escritor ao narrar seus casos clínicos à maneira de romances (FERREIRA, 2012). De acordo com a referida autora, o texto literário foi objeto de estudo para Freud, pois nele encontrava antecipadamente aquilo que eram os fundamentos de sua descoberta.

Em *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*, primeira obra literária analisada por Freud (1907), ele relata que os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Segundo Bellemin-Noel (1978), Freud escreveu repetidamente que os psicanalistas deveriam escutar o que as ficções contam, colocando-se em uma posição de abertura às sugestões de seus inconscientes. De acordo com o autor, as palavras de todos os dias reunidas de certa maneira adquirem o poder de sugerir o imprevisível, o desconhecido; e os escritores são homens que, escrevendo, falam, sem o saberem, de coisas que literalmente “eles não sabem”. “O poema sabe mais que o poeta” (BELLEMIN-NOEL, 1978)

Neste sentido, aproximar literatura e psicanálise é uma tentativa de fazer emergir a singularidade do texto sem moldá-lo ao enquadre de leitura clínica, atentos para acolher as inúmeras possíveis leituras advindas de outras referências teóricas, como também observar a impossibilidade de esgotar uma leitura interpretativa (SILVA, 2007). Para Freitas (2001), este é um modo de fazer psicanálise em extensão, atualizando assim a contribuição freudiana ao procurar uma interseção entre literatura e psicanálise. Assim, a conexão da psicanálise com outros campos de saber é a prova do valor e da extensão do saber psicanalítico (CAMPOS E CASTRO, 2014).

Entendemos que a Psicanálise situa-se muito mais próxima dos campos de saber onde a produção é caracteristicamente singular (com especial destaque, a Arte, a Literatura, a Filosofia, a História), do que o campo da ciência, embora se situe também no âmbito científico, por ter um método. Ainda assim, a Psicanálise não pode ser generalizada, seu método se renova em cada encontro. É absolutamente original a cada sujeito que a experimenta (SILVA, 2007, p. 157).

Beckel (2004) inicia seu texto questionando o que a literatura “ensina” à psicanálise e o que a psicanálise “ensina” à literatura. Destacando-se as inúmeras trocas que podem ser feitas entre esses dois campos de saber, Freud (1930) alega, no seu discurso do “Prêmio Goethe”, que a teoria psicanalítica pode contribuir na aquisição de algumas informações que não lograríamos êxito em alcançar por outras vias, e através dela é possível demonstrar elos entre o dom artístico, as experiências de vida e as obras de um artista.

A interlocução de Freud com a arte literária pode ser notada, conforme Campos e Castro (2014), em três situações: para ilustrar e validar determinado ponto de sua teoria, para compreender algo deste processo de criação artística, para interpretar psicanaliticamente uma obra específica. No entanto, Mandil (2005) afirma que o recurso literário de Freud jamais teve por objetivo transformar ou reduzir a obra ao ponto de mera ilustração dos conceitos analíticos.

Nesse sentido, Villari (2002) destaca que,

Por um lado, parece estabelecer-se entre Literatura e a Psicanálise uma relação aditiva em que se tenta acrescentar sentidos ao texto literário a partir da interpretação psicanalítica e por outro, vislumbra-se uma atitude que poderíamos chamar de extrativa, interessada em tentar resgatar do texto literário a particularidade que pudesse nutrir a Psicanálise (p. 21).

Freud trabalhou com mestria a comunhão literatura e psicanálise, de acordo com Silva (2007), utilizando o caráter aditivo e extrativo em via dupla de acesso aos dois campos de saberes de tão íntimas relações e de similar “sedução”.

Para o poeta e para o escritor, o que de fato importa é o ato de escrever, é sublimar sua pulsão atendendo a um desejo de expressão, é o brincar com a palavra, fazer dela seu instrumento e seu objeto, envolver-se com ela e por seu intermédio mostrar-se (BECKEL, 2004). Freud (1907) compara o escritor criativo com a criança que brinca, pois o escritor “cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, na qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade”. Nessa perspectiva, o escritor criativo se iguala ao homem que devaneia para Freud, e o escrito é comparado com o fantasiar.

De acordo com Ferreira (2012), o escrito, assim como as formações inconscientes, é o retorno do recalcado, portanto é o desejo inconsciente que produz o texto. É pelo conceito de sublimação que Freud pretende dar alguma explicação para o fenômeno da criatividade (FREITAS, 2001). Conforme relata o autor, para Freud a sublimação é um acontecimento psíquico, uma realização simbólica que se associa à criatividade humana, produzindo uma superação do automatismo instintivo. Assim, tal como as formações inconscientes, no texto literário não é o sentido literal que importa, mas sim a lógica dos significantes que compõem a narração. Uma lógica que só pode ser decifrada com os elementos do próprio texto, tendo como ponto de partida a produção de um novo saber que poderá fazer avançar a teoria, e a suposição de que há ali um sujeito, que é o autor, neste caso, uma função e não uma pessoa (FERREIRA, 2012).

Na interface entre os dois campos de saber em questão, algumas condições se abrem como limites. O principal cuidado refere-se ao trânsito de mão única, onde a psicanálise se beneficie sem oferecer igual retorno. Esse risco funda-se principalmente em olhar o texto como um “inconsciente literário” a ser esgotado. Outro grande equívoco seria buscar no texto as pistas inconscientes do autor e não fazer distinção entre a fala do narrador e a do escritor (SILVA, 2007). De acordo com Freitas (2001), a psicanálise em extensão poderá, ao se aproximar das produções dos escritores, proporcionar diferentes leituras interpretativas, examinando os textos da literatura, desligados de seus autores. Como também é fato de a psicanálise abordar o texto não esquecendo do sujeito, escritor/autor, do qual se faz o produto literário. Aqui se revela da mesma forma, que a escrita é uma construção do sujeito, portanto, nunca é à toa, separada de sua realidade psíquica.

Portanto, encontramos possibilidades de aproximação entre a Psicanálise e a Literatura, uma vez que, segundo Silva (2007), não é possível dizer tudo, mas a palavra poética, a palavra literária, sabe utilizar-se bem de um “semidizer” que em alguma medida mediatiza, faz frente à impossibilidade do todo dizer. Ler com os ‘óculos’ de Freud é ler numa obra literária – como atividade de um ser humano e como resultado dessa atividade – aquilo que ela diz sem o revelar, porque o ignora; ler o que ela cala através do que mostra e porque o mostra por este discurso mais do que por um outro (BELLEMIN-NOËL, 1978).

2.2 A história da homossexualidade: breves considerações

A sexualidade humana é um assunto complexo, envolta em tabus e em certos períodos da história da humanidade, sob domínio da fé judaico cristã, o tema foi tratado como sendo pecaminoso, gerando dessa consideração outros desdobramentos. O tema manteve-se em silêncio na cultura ocidental até a segunda metade do século XIX (MOTT, 2006). Segundo Foucault (1997), a partir desse período a sexualidade, ou melhor, discursos e práticas sexuais, ganham um lugar social mais privilegiado. Nesse sentido, falar da história da sexualidade humana é resgatar elementos para se compreender significados e sentidos dessa construção social, com a proposta de reconhecer as diversas constituições e possibilidades de sexualidade que vislumbramos na atualidade (TONIETTE, 2006).

Dentre as inúmeras formas de manifestação da sexualidade, a homossexualidade, há muito tempo, vem sendo centro de diversos discursos, a saber, da ciência, da religião, da psicanálise, entre outros campos. Vale ressaltar que, embora tenha sido constante o uso de

nomenclaturas diferenciadas para referir-se à relação sexual entre pessoas do mesmo sexo, de acordo com o contexto de cada época, cultura e discursos vigentes; utilizaremos neste trabalho os termos “homossexual” e “homossexualidade”, baseando nossa escolha unicamente na derivação e definição resultante da formação desta palavra (MARQUES, 2008).

Segundo Roudinesco e Plon (1998), o termo ‘homossexualidade’ é derivado do grego (*homos*: igual) e foi criado por volta de 1860 pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert para designar todas as formas de amor carnal entre pessoas biologicamente pertencentes ao mesmo sexo. De acordo com os autores, entre 1870 e 1910, o termo homossexualidade impôs-se progressivamente nessa acepção em todos os países ocidentais, substituindo assim as antigas denominações (inversão, uranismo, safismo, sodomitas, perversos, lesbianismo, doentes mentais, entre outros) que caracterizavam essa forma de amor conforme as épocas e as culturas.

Observa-se que a questão da homossexualidade não é algo novo, assim como a produção de discursos e os modos de abordar tal problemática se configuram de diferentes formas na sociedade. A atração sexual entre pessoas do mesmo sexo existiu em todas as culturas, e ganhou no meio social um lugar de inúmeras discussões preconceituosas como também de sua aceitação. A época e o local determinaram o tratamento que se deu a esses sujeitos: práticas comuns e bem toleradas na Grécia, Pérsia, Roma e China, mas condenada entre os Assírios, os Hebreus e os Egípcios. Os índios brasileiros, assim como em algumas sociedades africanas, as reações frente ao relacionamento entre pessoas do mesmo sexo variam desde a aceitação, como expressão legítima da sexualidade, até rejeição absoluta (CECCARELLI, 2013).

Fazendo um recorte histórico podemos informar, conforme Paoliello (2013), que na Antiguidade Grega, a homossexualidade era culturalmente aceita, sendo a pederastia um costume social. A homossexualidade era considerada como atividade “natural” de aprendizagem do erotismo, não havendo, portanto oposição aos relacionamentos com pessoas do mesmo sexo, desde que neste caso, o aprendiz não assumisse papéis de passividade (FOUCAULT, 2001). Na Grécia antiga, a homossexualidade masculina era algo bastante respeitado, e tomava um caráter público, sendo algo exposto nos esportes, na mitologia e na arte, sem contar que tinha uma missão educativa, de transmissão de valores, relação que marcava a passagem dos rapazes (entre 12 e 20 anos) para a vida adulta (TONIETTE, 2006).

Nesse contexto, a aceitação da homossexualidade foi se modificando ao passo que a postura moral em relação a essa prática tomou outros rumos devido a vários movimentos da época. Toniette (2006) aponta como marco dessa modificação a reforma puritanista, a

combinação dos ideais religiosos e do Estado, além das influências do surgimento da propriedade privada e sua relação íntima com o ideal de uma família patriarcal, marcando um ideal heterossexual e reprodutivo.

A homossexualidade passou a ser considerada como um tema tabu pela religião e como uma patologia pela ciência médica, além de outros posicionamentos. Conforme Harrington (2006 *apud* PAOLIELLO, 2013), com o advento do cristianismo, a homossexualidade passou a ser uma prática condenada, considerada pecado abominável, como mostram várias passagens da Bíblia. Essa intolerância frente à homossexualidade perpassa o campo da religião e chega ao campo do Direito, onde pela primeira vez aparece um código civil com a missão de punir os homossexuais, muitas vezes “condenados” à morte (ZAMBRANO, 2008).

Séculos mais tarde, a homossexualidade foi apropriada pela ciência passando a ser considerada uma patologia (PAOLIELLO, 2013). Na metade do século XIX, a questão coloca-se diante do discurso médico, desviando-se um pouco do aspecto moral, e inaugurando, então, o assunto em uma discussão patológica. Surge daí a definição de síndromes do comportamento sexual, bem como algumas categorias para sua caracterização (FOUCAULT, 1997). Conforme Paoliello (2013), as categorias nosológicas foram criadas pelo psiquiatra alemão E. Kraepelin, considerado o fundador da Psiquiatria moderna. Descreveu na primeira edição de seu *Tratado de Psiquiatria* a homossexualidade entre os “estados de fraqueza psicopatológica”. Nas sete edições seguintes, há transferências da homossexualidade para várias outras categorias, a saber: “desenvolvimento sexual anormal”, “insanidade degenerativa”, “condição mental de constituição original”.

Em virtude dos fatos, iniciaram-se os movimentos homossexuais, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, em busca de seus direitos civis e liberdade de expressão. Em 1974, a Associação Psiquiátrica Americana, após duas votações vitoriosas no espaço de dois anos, finalmente removeu a homossexualidade do DSM-II (QUINET; COUTINHO JORGE, 2013), atendendo assim as reivindicações que tinham como objetivo despatologizar a homossexualidade. Influenciados pela onda do feminismo, esses movimentos resultaram em conquistas que atualmente podemos destacar como a união civil e a adoção por pessoas do mesmo sexo (ANDRADE, 2009).

Na contemporaneidade, verificamos transformações nas leis e nos costumes que apontam para uma maior liberdade do sujeito homossexual, porém ainda existe uma intolerância por parte da sociedade, mesmo que de forma velada, expressa pela homofobia. Foi neste cenário, em que a terminologia passava por múltiplas variações e a nosologia

apresentava-se um tanto quanto flexível, que, paralelamente, Freud subverteu a concepção de sexualidade humana, marcando o lugar da Psicanálise e apontando para um lugar distinto da moral social (MARQUES, 2010).

2.3 As (homos)sexualidades na Psicanálise

É em meio a um cenário de forte repressão sexual que surge o discurso psicanalítico criado por Freud dando um lugar central à sexualidade. Sabe-se que a Psicanálise se funda com o encontro de Freud com as histéricas, no qual ele percebeu que os sintomas apresentados por elas, tinha relação com o sexual na constituição das neuroses. Assim, com base nas suas observações clínicas, Freud afirma que a sexualidade tem origem na infância e aponta que o encontro do sujeito com o sexual é sempre traumático (FREUD, 1895).

Em seu artigo *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905) alega que a sexualidade se faz presente desde os primeiros anos de vida e não somente na puberdade, como se acreditava antes da teoria psicanalítica. Afirma que a sexualidade infantil é polimorfa, pois não possui uma zona erógena específica, assim como perversa já que não tem como finalidade o ato sexual em si, mas a gratificação autoerótica em qualquer parte do corpo. Posteriormente, a sexualidade infantil sofreria uma repressão, permanecendo em um estado de latência até a puberdade. Ainda neste artigo, Freud (1905) disserta sobre o que ele chamou de *As aberrações sexuais* que é entendida como toda e qualquer prática sexual que se desvia do que é considerado “normal”, isto é, uma opção sexual invertida ao que se refere ao objeto sexual. Assim, as aberrações sexuais no adulto são tratadas como perversas, quando adquirem fixação e exclusividade de prática de gratificação.

No primeiro ensaio deste artigo, Freud faz seus desdobramentos sobre a homossexualidade utilizando os conceitos de pulsão e bissexualidade para tratar da questão. Para Freud (1914), o homem é movido pela pulsão, sendo esta definida como a demarcação entre o psíquico e o somático. Suas principais características são: a *pressão* que consiste na força constante que busca a satisfação; a *finalidade* que almeja a satisfação e essa é sempre parcial; o *objeto* que é a coisa através da qual ou pela qual a pulsão obtém a satisfação, é o que há de mais variado na pulsão; e a *fonte*, isto é, a origem que é no corpo.

A partir dos desdobramentos feitos por Freud acerca do conceito de pulsão, em 1920, no texto *Além do princípio de prazer*, ele introduz a pulsão de morte em par antagônico com a pulsão de vida. Segundo Coutinho Jorge (2000), ao introduzir a pulsão de morte, Freud

destaca o estatuto conceitual da pulsão em sua radicalidade. Além disso, neste artigo Freud coloca em questão o tema da compulsão à repetição como inerente à pulsão de morte, embora já tenha sido mencionada em textos anteriores. Em *Recordar, repetir e elaborar*, Freud (1914) destaca o efeito de repetição do inconsciente apresentado como ato. Coutinho Jorge (2013) relata que:

Desde o início de sua obra, Freud ressaltou o caráter diverso da sexualidade humana e mostrou que ela se especifica precisamente porque se distingue do instinto animal e opera por meio daquilo que ele denominou “pulsional”. O conceito de pulsão, com seu objeto faltoso e sua força constante pedindo repetitivamente esse mesmo objeto, que não surge jamais – pois, como indica Lacan, a repetição é essencialmente a “repetição” de uma demanda -, é algo que atravessa toda a sexualidade como um real inominável (p. 18).

Essa busca pelo objeto faltante, uma vez que a satisfação é sempre parcial, revela o caráter circular do percurso pulsional e introduz o sujeito na ordem do desejo. Ao que Lacan irá falar em seu seminário *A Angústia* (1962-1963), trata-se do objeto perdido, objeto *a*, causa de desejo, aquele cuja primeira fonte de satisfação sentida pelo *infans* na sua relação com o Outro, jamais será recuperado. Logo, a cada objeto que vem ocupar esse vazio, revela-se o fato de não ser nos objetos que são posteriormente elegidos que a pulsão encontrará a satisfação plena, marcando o impossível do reencontro do sujeito com o seu objeto perdido. Justifica-se a partir desta percepção, conforme explicitado por Freud (1914), o que há de fundamental na relação do sujeito com os objetos: as vicissitudes da pulsão. Partindo desse pressuposto, ressalta-se que a escolha homossexual constitui uma possível variação da pulsão do sujeito na escolha de seu objeto sexual.

Em seu retorno a Freud, Lacan (1957-1958/1999) demonstrou que o inconsciente é estruturado como linguagem e redefiniu a pulsão como efeito da incidência da demanda do Outro sobre o sujeito. Desse modo, Lacan sinaliza o que em Freud foi apresentado como a pulsão retirando quaisquer garantias que estejam condicionadas ao instinto: o sujeito é atravessado pelo campo da linguagem. Qualquer redução da pulsão ao instinto desloca a questão da sexualidade para outro campo que não é o próprio da Psicanálise, ou seja, do sujeito do inconsciente.

Diante disso, a homossexualidade está para o sujeito desde a origem do seu psiquismo, quando Freud afirma que a bissexualidade, que em algum ponto coloca o sujeito diante da escolha homossexual, é inerente a todo ser humano (FREUD, 1905). Ao passo desta observação feita por Freud, podemos fazer uma leitura da inscrição da bissexualidade na

ordem dos três registros: Simbólico, Imaginário e Real. Roudinesco e Plon (1998) destacam a sistematização que Lacan faz dos três registros:

Na categoria do simbólico alinhou toda a reformulação buscada no sistema saussuriano e levi-straussiano; na categoria do imaginário situou todos os fenômenos ligados à construção do eu: antecipação, captação e ilusão; e no real, por fim, colocou a realidade psíquica, isto é, o desejo inconsciente e as fantasias que lhe estão ligadas, bem como um “resto”: uma realidade desejante, inacessível a qualquer pensamento subjetivo (p. 645).

Freud (1905) disserta sobre a existência de casos de hermafroditas apontados pela ciência, que possui nas genitálias características masculinas e femininas em sua anatomia evidenciando a bissexualidade no real do corpo. Posteriormente, afirma que mesmo não sendo frequente a evidência do hermafroditismo anatômico, sempre está presente um hermafroditismo psíquico, que em todo sujeito de constituição “normal” há vestígios do sexo oposto de forma atrofiada. No artigo *Feminilidade*, Freud (1933) reafirma essa constatação afirmando que parte do aparelho sexual masculino, também aparece no corpo da mulher de forma atrofiada, assim como ocorre com o homem que possui partes do aparelho sexual feminino. No mesmo texto ratifica:

Considero tais ocorrências como indicações de bissexualidade, como se um indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre fosse ambos – simplesmente um pouco mais de um, do que do outro. E então se lhes pede familiarizarem-se com a ideia de que a proporção em que masculino e feminino se misturam num indivíduo, está sujeita a flutuações muito amplas. De vez que, excetuando casos muitíssimos raros, apenas uma espécie de produto sexual – óvulos ou sêmen – está presente numa pessoa, os senhores, contudo, não poderão senão ter dúvidas quanto à importância decisiva desses elementos e devem concluir que aquilo que constitui a masculinidade ou a feminidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia (FREUD, 1933).

Assim, o conceito de bissexualidade é apresentado por Freud ao longo da sua obra e passa por evoluções, onde Freud afirma que todo sujeito em sua realidade psíquica já fez uma escolha homossexual inconsciente devido a sua bissexualidade. Roudinesco e Plon (1998) assinalam que se é possível afirmar que Freud chegou a fazer da bissexualidade o núcleo de sua doutrina da homossexualidade e da sexualidade feminina, nada disso o impediu de considerá-la uma ideia obscura do ponto de vista subjetivo, entre outros motivos, por não ter encontrado uma forma de conciliá-la com a existência de uma libido única e com sua teoria das pulsões.

Por conseguinte, Freud (1905) nos diz que a psicanálise se opõe com o máximo de decisão que se destaquem os homossexuais, colocando-os em um grupo à parte do resto da humanidade, como possuidores de características especiais. Destarte:

A psicanálise considera, antes, que a independência da escolha objetal em relação ao sexo do objeto, a liberdade de dispor igualmente de objetos masculinos e femininos, tal como observada na infância, nas condições primitivas e nas épocas pré-históricas, é a base originária da qual, mediante a restrição num sentido ou no outro, desenvolvem-se tanto o tipo heterossexual como o homossexual. No sentido psicanalítico, portanto, o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é também um problema que exige esclarecimento, e não uma evidência indiscutível que se possa atribuir a uma atração de base química (FREUD, 1905, p. 137-138).

Em se tratando da gênese da homossexualidade, convém tecer algumas considerações sobre o Complexo de Édipo, pois este é de fundamental importância na constituição psíquica dos sujeitos, no que diz respeito à partilha dos sexos. De modo geral, o complexo de Édipo é descrito através da identificação estabelecida entre a criança e o Outro do par parental, sendo presentificados nesta relação sentimentos de amor e hostilidade (FREUD, 1924). Seguindo Freud, Lacan (1957-1958) irá relatar que é a resolução do complexo edipiano, que inaugura no sujeito, através do complexo de castração, seu lugar enquanto sujeito desejante.

Uma concepção recorrente da gênese da homossexualidade é o Complexo de Édipo “invertido”, mencionado por Freud para designar a saída do Édipo dito “anormal” que ao invés de rivalizar com o pai, o homem homossexual o ama; ao invés de largar a mãe do lugar de primeiro objeto de amor, a mulher homossexual permanece amando-a (FREUD, 1924). Contudo, em seu artigo *Fetichismo*, Freud (1927), coloca em oposição o homossexual e o fetichismo, e desconstrói a teoria da homossexualidade como reação ao complexo de castração afirmando que nenhum indivíduo do sexo masculino seja poupado o susto da castração à vista de um órgão genital feminino, colocando a questão da origem como um mistério.

Lacan (1957-1958) em *O Seminário 5, As formações do inconsciente*, alega que a homossexualidade masculina é uma inversão quanto ao objeto, que se estrutura no nível de um Édipo pleno e acabado, passando pelos três tempos, porém no terceiro o homossexual o modifica muito sensivelmente.

No momento em que a intervenção proibidora do pai deveria ter introduzido o sujeito na fase de dissolução de sua relação com o objeto do desejo da mãe, e cortado pela raiz qualquer possibilidade de ele se identificar com o falo, o sujeito encontra na estrutura da mãe, ao contrário, o suporte, o reforço que faz com que essa crise não ocorra (LACAN, 1957-1958, p. 215).

Há inúmeros traços que podemos assinalar no sujeito que faz a escolha homossexual. Porém, Lacan (1957-1958) destaca a relação profunda e perpétua do homossexual com a mãe, uma vez que esta é apresentada como tendo no casal parental uma função diretiva, eminente, e como havendo cuidado mais do filho que do pai. Essa mãe faz uma parceria inconsciente com o filho, desautorizando o pai, pois ela dita a lei. Assim, ocorre uma supervalorização do objeto fálico, sob a forma geral como esta costuma se apresentar no homossexual, de tal sorte que nenhum parceiro passível de lhe despertar o interesse pode ser privado desse objeto.

No que concerne à inscrição sexuada, podemos dizer que, ao forjar o mito do Édipo, com suas diferentes modalidades de desejo e gozo, tornar-se homem ou mulher era, para Freud, uma questão de identificação edipiana (SOLER, 2013). Nesse sentido, Freud nunca abriu mão do conceito da diferença dos sexos e dos conceitos de masculino e feminino, os quais não se referem à anatomia e sim à posição do sujeito em relação ao desejo e a pulsão (QUINET, 2013). Em *O Seminário 19, ...ou pior*, Lacan (1971-1972) discorre sobre ‘a pequena diferença’ no discurso sexual entre os sujeitos, afirmando que essa diferença existe desde a mais tenra idade entre a menina e o menino.

Essa diferença que se impõe como inata é, com efeito, muito natural. Corresponde ao que há de real no fato de que, na espécie que se autodenomina *homo sapiens*, os sexos parecem dividir-se em dois números mais ou menos iguais de indivíduos (LACAN, 1971-1972, p. 15).

Lacan trata a questão homem e mulher como valores sexuais que partem da linguagem, e é o princípio do funcionamento do gênero, ou é *ele*, ou é *ela*. A princípio, ser homem ou mulher parte de um real do corpo que já é dado pela anatomia, porém a Psicanálise, com Freud e Lacan, vai além disso.

Em *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*, Freud (1920) afirma que a vida sexual é o resultado da combinatória de três fatores: as características sexuais físicas (homem ou mulher), as características sexuais mentais, ou seja, a posição sexuada (ser homem ou ser mulher), e a escolha de objeto (homem ou mulher). Logo, a anatomia não traz garantias, sendo a posição sexuada e a escolha de objeto independentes desse real do corpo.

Lacan concorda com Freud ao fazer menção à primazia do falo, formulando a partilha dos sexos não a partir do atributo peniano que dividiria os seres em portadores ou privados do pênis, mas a partir da função fálica (QUINET, 2012). Em seu artigo *O Aturdido*, Lacan (1972) desenvolve as fórmulas da sexuação que distribuem os sujeitos de acordo com os dois modos

de se inscrever na função fálica, o todo fálico que corresponde ao masculino e o não-todo referente ao feminino.

Assim, para Lacan, o sujeito se situa na partilha dos sexos a partir da escolha de gozo. Para ele existe o gozo fálico, masculino, do qual participam homens e mulheres, e o gozo do Outro, que é um gozo suplementar ao qual tem acesso as mulheres, independentes de sua anatomia corporal masculina ou feminina (COUTINHO JORGE, 2013). Logo, a partilha (homem e mulher) dos sexos ocorreria segundo a forma como os sujeitos respondem à função fálica. Ao se afirmar homem, o sujeito está “todo” submetido à função fálica, ao gozo fálico que é o masculino, ao passo que é mulher aquele sujeito que está “não todo” submetido à função fálica, uma vez que o feminino corresponde ao gozo Outro (LACAN, 1972-1973).

Nesse contexto, Lacan considera que a diferença sexual se recusa ao saber, não há saber sobre o sexo, ou seja, há um real em jogo na sexualidade, o que é equivalente ao aforismo lacaniano “não há relação sexual”, e a homossexualidade parece estampar esse real diante do imaginário da sociedade contemporânea. Se “não há relação sexual”, Lacan formula que o homem só tem acesso ao Outro sexo por meio da fantasia $\$ \langle \rangle a$, de uma forma tal que o Outro sexo é sempre Outro, o que, de algum modo, inviabiliza que se fale de homossexualidade em Psicanálise: no fundo, estruturalmente, só há heterossexualidade, uma vez que o Outro sexo não existe (COUTINHO JORGE, 2013). Sendo assim, só há heterossexualidade porque a Psicanálise se situa em apenas um sexo, o falo, o masculino. E o sujeito diante do outro, homem ou mulher, está sempre diante do Outro sexo.

3 BOM-CRIOULO À LUZ DA PSICANÁLISE

3.1 Apresentação da Obra

Bom-Crioulo desenvolve-se em 12 capítulos, onde destacamos como personagens principais, Amaro (Bom-Crioulo), Aleixo e Dona Carolina. O romance naturalista foi publicado por Adolfo Caminha em janeiro de 1895. Nesta obra, o autor representa inicialmente o espaço de reclusão em que os marinheiros, aprendizes (grumetes) e os mais experientes, compartilhavam, por muitas vezes, de momentos propícios ao desenvolvimento de uma atmosfera sexual, repleta de erotismos, abusos e seduções. O conjunto das minuciosas e intencionadas descrições tecidas por Caminha ajuda o leitor a penetrar neste espaço em que

a homossexualidade passa a ser apresentada como produto de um ambiente erótico, onde as forças das circunstâncias facilitam a ocorrência de determinados comportamentos sexuais. Esse se mostra como um retrato do naturalismo empregado às manifestações da homossexualidade, por Caminha.

A obra em questão narra a história de um escravo negro, Amaro, que foge aos dezoito anos da fazenda onde vivia, e ingressa na Marinha. Alguns anos após seu ingresso na Marinha, Amaro conquista o afeto e confiança de seus parceiros de bordo, e devido às suas habilidades, aos seus notáveis aspectos físicos e a ao bom comportamento, recebeu o apelido de Bom-Crioulo. A bordo, ele conhece um grumete branco de quinze anos, Aleixo, recém-chegado na Marinha, pelo qual se apaixona e se seduz. A relação entre os personagens se estabelece na medida em que o Bom-Crioulo protege o grumete ao ponto de passar por um castigo de chibata, após defendê-lo.

No decorrer da história, Amaro e Aleixo desembarcam no Rio de Janeiro onde o Bom-Crioulo aluga um quarto de pensão, na Rua da Misericórdia, que pertencia a uma amiga portuguesa, Dona Carolina. Este foi o principal cenário dos desdobramentos do romance. O Bom-Crioulo e o grumete passavam o tempo livre juntos na pensão, porém, em certo momento da trama foram separados quando Amaro é transferido para outro navio que dificilmente conseguia ordens para voltar à terra. Em vista desta separação, por condições externas aos dois personagens, Caminha situa a complexidade em que se estabelece o romance entre os dois marinheiros, uma vez que apontará que Aleixo não sentiu falta do companheiro, pois estava cansado de se relacionar com o negro, expressando sentimentos como nojo e desprezo.

Posteriormente, Aleixo é seduzido por Dona Carolina, a ‘velha’ dona da pensão, e envolve-se com ela. Enquanto isso, Bom-Crioulo encontrava-se desesperado por não conseguir permissão para ausentar-se do navio e rever seu amado. Assim, ele foge do navio, envolve-se em brigas, e ao retornar sofre o segundo castigo de chibata, tão severo que lhe faz perder a consciência e internar-se em um hospital onde passa um longo período. Doente do corpo e do coração, a ausência de Aleixo deixa o Bom-Crioulo ainda mais devastado, uma condição em que impera uma mistura amor-ódio-ciúmes.

Por fim, foge do hospital e logo descobre que seu amado está envolvido com Dona Carolina, sua amiga traidora. Colérico, Bom-Crioulo chega à Rua da Misericórdia, onde encontra Aleixo, agarra-o e dá um golpe fatal em seu pescoço com uma navalha. O romance encerra-se com o Bom-Crioulo sendo preso junto a uma aglomeração de pessoas que se mobilizavam para ver o morto e analisar o crime.

3.2 Análise da Obra Bom-Crioulo: As (homos)sexualidades

É sabido que as obras literárias fornecem uma importante contribuição à Psicanálise por trazerem informações que ampliam a compreensão no que diz respeito à realidade psíquica do sujeito. Para Birman (1991) esta articulação entre o saber psicanalítico e a tradição literária é um tópico fundamental, uma das condições de possibilidade para que se empreenda a metodologia psicanalítica. Nesse sentido, levamos em consideração o que a Psicanálise tem a dizer sobre a questão da homossexualidade, partindo da análise do romance *Bom-Crioulo* publicado por Adolfo Caminha (1895), considerado a primeira grande obra literária no Brasil a tratar da questão.

Conforme Nobre (2010), cada artista, ao seu modo, revela a influência da cultura, da organização social e de sua própria constituição psíquica nas obras que compõe. O mesmo ocorre com o escritor que ao redigir sua obra expõe sua singularidade com base no meio social em que vive. Nesse sentido, Adolfo Caminha foi um representante da escola Naturalista no Brasil, uma tendência literária que aborda o ser humano como fruto de suas características biológicas e resultado do meio social em que está inserido.

Os textos da escola Naturalista usam abordagens de temas chocantes em que se destacavam as críticas ao moralismo dos bons costumes. Segundo Bosi (1994) no romance naturalista desnudam-se as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima, a fim de buscar para ambos as causas naturais (raça, clima, temperamento) ou culturais (meio, educação) que lhes reduzem de muito a área de autonomia do sujeito, haja vista que nesta perspectiva naturalista os sujeitos estão presos às contingências naturais do meio. Em resposta ao objetivo de chocar com os bons costumes, a obra *Bom-Crioulo* evoca o amor romântico, embora erótico, de um outro do mesmo sexo. Esta parceria amorosa é tratada na obra como ‘perversão sexual’, por ser constituída por dois sujeitos do mesmo sexo, o que seria inaceitável para a época em que foi escrita.

O naturalismo concentraria os traços realistas, em menor ou maior grau, mas teria como ponto fulcral o fortalecimento advindo de uma teoria peculiar, de cunho científico, apresentando o homem como um ser passível de forças mecânicas e culturais, das quais resultariam seus atos (SANTOS, 2012). Diante de tais pressupostos, o escritor naturalista apoderava-se do cientificismo exagerado da época, transformando o homem e a sociedade em objetos de observação, uma vez que o protagonista da obra, segundo esta perspectiva literária, está à mercê das circunstâncias e não de si mesmo.

Enquanto que o movimento naturalista defende um modo de constituição em que o “indivíduo” é determinado pela força das circunstâncias, e conseqüentemente, livre das responsabilidades de seus atos; a Psicanálise fala de algo anterior na constituição do sujeito, baseado na história de suas primeiras relações com o Outro. Com base nos pressupostos de Freud, podemos certificar que ele vem, desde o início, sinalizar as formas de constituição do sujeito, a partir da noção de inconsciente (FREUD, 1900) e de sexualidade infantil (FREUD, 1905) como ordenadores da estruturação psíquica. Fato este que posteriormente é retomado por Lacan, a partir da linguagem, como forma de constituição e ordenação do sujeito.

O sujeito de que trata a psicanálise é o sujeito do inconsciente. Freud (1905) afirma que o *infans*, ao nascer, precisa do outro para lhe dar um lugar de existência. Cabe aí a função da linguagem. Para Petri (2009), a criança chega ao mundo inacabada, incompleta e extremamente prematura de qualquer significação da linguagem. Nesse sentido, Lacan (1957-1958) afirma que não há sujeito se não houver um significante que o funde.

O dinamismo das primeiras experiências de satisfação experimentadas pelo sujeito deixa marcas no seu psiquismo, de algo que fora perdido e não significantizado – o objeto faltante – em virtude do sujeito não possuir recursos suficientes para nomear tal satisfação. A marca que fica pelo objeto faltante é o que desenha no inconsciente o objeto causa de desejo, instituindo uma busca incessante do sujeito pelo objeto perdido. Para Quinet (2013), aquilo que poderia dar satisfação ao sujeito é perdido desde sempre como condição necessária ao desejo, que por definição é sempre insatisfeito.

No delineamento do seu texto, Caminha, por vezes, apresenta traços dos seus personagens que destituem a imposição causal das circunstâncias, colocando diante do sujeito a imposição do seu próprio desejo, das condições que este impõe enquanto uma busca inconsciente. Neste sentido, Quinet (2003) apresenta um ponto crucial na compreensão do sujeito para a psicanálise: trata-se do sujeito enquanto ser patológico, por constituição, ligado ao *phatos*, afetado por sua estrutura que vem corresponder a um gozo do sexo que o divide, fazendo-o advir como desejo. Segundo esta compreensão, o “sujeito é desejo”.

Ao tratar do mal estar homossexual encarnado na figura do Bom-crioulo, Caminha fala de um desejo aquém das próprias condições que o personagem vivencia no seu cotidiano. Ele poderia se relacionar com mulheres, escolhê-las como objeto de satisfação sexual, porém, seu desejo impulsiona-o a outras escolhas:

Não se lembrava de ter amado nunca ou de haver sequer arriscado uma dessas aventuras tão comuns na mocidade, em que entram mulheres fáceis, não: pelo contrário, sempre fora indiferente a certas coisas, preferindo antes a sua pândega

entre rapazes a bordo mesmo, longe de intriguinhas e fingimentos de mulher (CAMINHA, 1895, p. 29).

No cerne de sua discussão sobre a homossexualidade em o Bom-crioulo, Caminha relata as particularidades que se apresentam para o sujeito diante do seu desejo. Não se trata de uma escolha qualquer, em que o sujeito poderá se satisfazer com qualquer objeto, como meio catártico para sua pulsão.

E agora, como é que não tinha forças para resistir aos impulsos do sangue? Como é que se compreendia o amor, o desejo da posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens? (CAMINHA, 1895, p. 29).

[...]uma ideia fixa e tenaz, um relaxamento da vontade irresistivelmente dominada pelo desejo de unir-se ao marujo como se ele fora do outro sexo, de possuí-lo, de tê-lo junto de si, de gozá-lo!... (CAMINHA, 1895, p. 29).

Não vivera tão bem sem isso? Então, que diabo! Não valia a pena sacrificar o grumete, uma criança... Quando sentisse “a necessidade”, aí estavam as mulheres de todas as nações, francesas, inglesas, espanholas... a escolher! (CAMINHA, 1895, p. 30).

A respeito destes ditos do personagem, que expressam a confissão do estranhamento desse desejo, ressalta-se a impossibilidade de domesticação da pulsão. A psicanálise se opõe à pedagogia do desejo, pois esta é uma falácia. Não se pode educar a pulsão sexual. Não se pode desviá-la para acomodá-la aos ideais da sociedade. A pulsão segue os caminhos traçados pelo inconsciente, que é individual e singular. A pulsão não é louca, ela obedece a uma lógica determinada pelos avatares do Nome-do-Pai, a lei simbólica a que todos estamos submetidos (QUINET; COUTINHO JORGE, 2013).

O corpo é algo bastante presente nas descrições minuciosas que caracterizam a escrita de Caminha. Em decorrência das suas descrições encontra-se o paradoxo ligado ao fato de o Bom-crioulo possuir um corpo másculo e viril, capaz de poder garantir ao sujeito a sua sustentação na posição masculina. Sendo assim, é possível encontrar várias passagens da obra onde são narrados os atributos físicos do Bom-Crioulo, na tentativa de assegurar o ser ‘masculino’ pela anatomia:

[...] Um latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre, desafiando, com um formidável sistema de músculos [...] (CAMINHA, p. 18).

Não havia osso naquele corpo de gigante: o peito largo e rijo, os braços, o ventre, os quadris, as pernas, formavam um conjunto respeitável de músculos, dando uma ideia de força física sobre-humana [...] (CAMINHA, p. 24 e 25).

Era uma massa bruta de músculos ao serviço de um magnífico aparelho humano (CAMINHA, p. 27).

Em contraponto, Aleixo é concebido como fraco em algumas passagens do livro, cujas características físicas foram descritas como femininas.

[...] arzinho ingênuo de menino obediente, olhos azuis muito claros, de um azul garço pontilhado, e os lábios grossos extremamente vermelhos (CAMINHA, 1895, p. 27).

Parecia uma menina com aquele traje (CAMINHA, 1895, p. 31).

Ao tratar de tais questões, a psicanálise elucida que não se trata apenas de situar o campo da homossexualidade enquanto escolha por um outro do mesmo sexo, mas de situar o sujeito diante de sua escolha de gozo, o gozo fálico e o gozo Outro (LACAN, 1972-1973). Nas descrições feitas pelo autor no início do envolvimento amoroso do Bom-Crioulo com Aleixo, compreende-se que Bom-Crioulo ocupava a posição masculina, do gozo fálico, assim como Aleixo se colocava do lado do gozo Outro, feminino, colocando-se como causa de desejo para o outro:

Por vezes tinha que sondar o ânimo do grumete, procurando convencê-lo, estimulando-lhe o organismo; mas o pequeno fazia-se esquerdo, repelindo brandamente, com jeitos de namorada, certos carinhos do negro (CAMINHA, 1895, p. 37).

Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse – uma vaga distensão de nervos, um prurido de passividade... – Ande logo! Murmurou apressadamente, voltando-se. E consumou-se o delito contra a natureza (CAMINHA, 1895, p. 37-38).

Partindo do dito de Lacan (1971-1972), no *O Seminário 19, ...ou pior* “chamemos heterossexual, por definição, aquele que ama as mulheres, qualquer que seja seu sexo próprio”, podemos dizer que para haver sexualidade entre dois sujeitos, sejam eles, homem e mulher, homem e homem ou mulher e mulher; é preciso que exista um sujeito na posição do todo fálico e outro na posição não todo fálico. Nessa lógica, é que se fala que não há homossexualidade na psicanálise, e sim heterossexualidade, pois em toda relação deve haver o elemento *hétero*. Para Quinet (2012) é necessário sempre haver dois sexos, como escolha de gozo, para que o sexo ocorra.

No decorrer do romance, Aleixo se relaciona com Carolina sinalizando que está posicionado do lado feminino, pois este se coloca como objeto *a*, causa de desejo, tal qual a mesma posição assumida no seu envolvimento com Amaro. Podemos observar nesses trechos, onde Carolina o seduz:

- Pois é isto, minha flor: o que eu tinha a dizer é que estou apaixonada por ti! (CAMINHA, 1895, p. 57).

Bateu a porta e começou a se despir a toda pressa, diante de Aleixo, enquanto ele deixava-se estar imóvel, muito admirado para essa mulher-homem que o queria deflorar ali assim, torpemente, como um animal (CAMINHA, 1895, p. 58).

- Anda, meu tolinho, despe-te também: aprende com tua velha... Anda, que eu estou que nem uma brasa!... (CAMINHA, 1895, p. 58).

Assim como o Bom-Crioulo, Carolina também está do lado masculino, todo fálico, em sua relação com Aleixo, o que Caminha ilustra se referindo a ela como *mulher-homem*. Nesse movimento, Lemoine (1995) distingue posição feminina de condição feminina. A autora afirma que a condição é fornecida no nascimento, pelos caracteres sexuais, que são secundários, pois são apenas marcas simbólicas inscritas no corpo, que aguardam ser assumidos subjetivamente. Já a posição depende de como o sujeito interpreta esses caracteres sexuais, podendo assumi-los ou rechaçá-los. Quinet (2012) atesta, a partir de Lacan, que um homem, inscrevendo-se do lado do todo fálico, pode ter uma escolha de objeto homossexual ou heterossexual, assim como também se inscrevem do lado masculino as mulheres históricas que podem ser hétero ou homossexuais.

A prova dessa constatação é que no final da obra, Aleixo ocupa a posição fálica diante de Carolina, o que mostra a variedade de objeto da pulsão. Destarte, Aleixo parece esperar do Outro uma nomeação, se é homem ou se é mulher. A partir dessa relação de assujeitamento ao Outro, ele se vê em conflito com impulsos que o fazem ora ocupar uma posição de passividade, feminina, “não-todo”; ora ocupar uma posição fálica, masculina.

No desenrolar do romance, podemos verificar que o Bom-Crioulo não corresponde completamente ao estereótipo viril masculino, que o colocaria na posição do todo-fálico, pois sua escolha diz também de uma outra posição. Posição esta que se devasta na ausência do seu amado Aleixo:

Estava emagrecendo à toa, não comia, não tinha descanso, em termos de adoecer, de apanhar uma moléstia, por causa do “senhor Aleixo”. Se ao menos pudesse vê-lo todos os dias, como na corveta...; mas assim, longe um do outro? Não valia a pena, era cair no desfrute... (CAMINHA, 1895, p. 63).

Aleixo fazio-o padecer noites inteiras, dias sucessivos, como ave que se debate em estreita gaiola de ferro. – Amava muito, decerto, queria um bem louco ao pequeno, preferia-o a todas as mulheres bonitas do mundo! (CAMINHA, 1895, p. 77).

A devastação está do lado feminino, não-todo submetido à função fálica. No *Seminário 23, O sinthoma* (2007/1975-1976), Lacan utiliza o termo devastação para designar a posição que uma mulher pode ocupar diante de um homem. Segundo ele “o homem é para uma mulher tudo o que vos agrada, a saber, uma aflição pior que um sinthoma [...]. Uma devastação mesmo”.

Nesse sentido, o Bom-Crioulo, apesar da sua expressiva 'masculinidade' e virilidade, vem a ocupar uma posição feminina, de correr atrás de um gozo suplementar, não-todo. O gozo não advém do fato de ter um falo, o que sua aparente masculinidade poderia conferir, segundo o naturalismo. Sua devastação vem dá sinal de outra posição, a de uma mulher.

De acordo com Maia (2010), o abandono pelo homem amado é uma das maiores angústias experimentadas pela mulher. Desse modo, Bom-Crioulo ao saber que foi traído, experimenta a angústia e responde a esse mal estar pela modalidade de ato, *acting out*. Existem casos em que, de forma temporária ou duradoura, a angústia não fica velada pelo sintoma e o sujeito se vê diretamente defrontado com ela (ÁLVAREZ, ESTEBAN, SAUVAGNAT, 2004) atuando, fato que ocorreu com Bom-Crioulo ao assassinar Aleixo.

O negro teve um daqueles ímpetos medonhos, que o acometiam às vezes; garganteou um – oh! rouco, abafado, comprimido, e, ligeiro, furioso, perdido de cólera, sem dar tempo a nada, precipitou-se, numa avertigem de seta, para a rua. Não via nada, não enxergava nada, tresvairado, como se de repente lhe houvesse fugido a luz dos olhos e a razão do cérebro. Precipitou-se, e, esbarrando com o grumete, fintou-se pelo braço (CAMINHA, 1895, p.100).

Tremia numa crise formidável de desespero, os olhos congestionados, um suor frio a porejar-lhe da testa negra reluzente (CAMINHA, 1895, p.100).

[...] Aleixo passava nos braços de dois marinheiros, levado como um fardo, o corpo mole, a cabeça pendida para trás, roxo, os olhos imóveis, a boca entreaberta. O azul-escuro da camisa e a calça branca tinham grandes nódoas vermelhas. O pescoço envolvido num chumaço de panos. Os braços caíam-lhe, sem vida, inertes, bambos, numa frouxidão de membros mutilados (CAMINHA, 1895, p. 101).

Para Lacan (1962-1963), o *acting out* é um subir à cena do objeto, isto é, há uma subida à cena do objeto, mas agora endereçada ao Outro do amor. Assim, diante do abandono de Aleixo, Bom-Crioulo confirma sua posição não todo, experimentando o gozo Outro enigmático feminino. Essa mudança de posição corresponde à variedade de objeto da pulsão, que na sua busca incessante pelo objeto perdido não se satisfaz.

Isto posto, Caminha, sem saber, mostra algo que fura o discurso naturalista, o inconsciente. Em seu trabalho, Freud rompe com os determinismos sobre a sexualidade, vigentes na época desta tendência literária. Em *O mal-estar na civilização* (1930[1927]), a

psicanálise preconiza que as forças advindas dos padrões morais da cultura se confrontam com as exigências internas regidas pelo princípio de prazer e constituem os elementos repressores dos desejos não realizados. Sendo assim, Freud aponta que diante das exigências e interdições impostas pela cultura, o sujeito responde com o seu mal-estar, diante da impossibilidade de calar o seu apelo pulsional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das considerações tecidas neste trabalho, é possível afirmar que a homossexualidade está situada em um campo enigmático de investigação, o que Freud já considerava desde o início de seus estudos ao afirmar o caráter bissexual do sujeito e posteriormente, sinalizar a gênese da homossexualidade como um mistério. Por sua vez, Lacan com o aforismo “não há relação sexual” aponta para o fato de que o sujeito do inconsciente não tem sexo, ele é o sexo. Assim, a relação sexual é uma invenção de cada sujeito através da fantasia, o que nos mostra que as teorias sobre a origem da homossexualidade são fantasias que impõem-se aos sujeitos na contemporaneidade.

A análise retratada da obra *Bom-Crioulo* perpassou o estudo da homossexualidade e considerou também outras facetas da sexualidade presentes no romance, como a relação heterossexual que envolve os personagens. Como verificamos, a psicanálise situa a sexualidade do sujeito através das vicissitudes da pulsão e dos caminhos traçados pelo Nome-do-pai, resultando na escolha de objeto sexual, o que vai além da anatomia dada no nascimento e dos determinantes da cultura. Assim, é necessário evidenciar para o sujeito que nada se pode ter como garantias de que o sexo biológico determine o seu pertencimento a este ou aquele outro sexo.

Neste contexto, Adolfo Caminha, sem se dar conta, fala de algo que vai contra o que prega a escola naturalista, isto é, sua escrita revela o sujeito do inconsciente diante da impossibilidade de calar o seu apelo pulsional. Nos discursos dos personagens fica evidente a manifestação do inconsciente no que diz respeito à posição sexual e a escolha de objeto mesmo que “forçada”, obedecendo aos destinos da pulsão. Esta é uma observação que fura o discurso naturalista, pois os personagens não estão à mercê das circunstâncias impostas pelo ambiente, mas seguem os avatares do desejo.

Desta forma, considera-se que a psicanálise traz desde Freud e Lacan, a revelação de um real do sexo impossível de ser simbolizado, no qual as exigências morais da cultura

tentam tamponar com um modelo de padrão a ser duramente seguido. Assim, há um confronto entre os desvios da sexualidade e este “padrão” social, em que os sujeitos respondem com o seu mal-estar por não conseguirem se haver com sua escolha. Nesse sentido, cabe ao psicanalista trabalhar na direção deste “saber fazer” de cada sujeito com a sua sexualidade, já que a psicanálise tem muito a dizer sobre as facetas da sexualidade considerando a demanda e a subjetividade dos sujeitos contemporâneos.

Por fim, existem diversas leituras e posicionamentos a respeito da homossexualidade na psicanálise, não havendo, portanto, um consenso entre os psicanalistas sobre tal questão. À guisa de conclusões, para a psicanálise, toda e qualquer versão da sexualidade é legítima, pois não há versão original, não há sentido original e sim uma falta de sentido inerente a tal problemática.

ABSTRACT

This study aims to develop an analysis about the theme of homosexuality, focusing also on the reading of other facets of sexuality in the field of choice of sexual object of the characters presented in *Bom-Crioulo: The Black Man and the Cabin Boy* by the naturalist writer Adolfo Caminha (1895), from the theoretical assumptions of psychoanalysis. For its implementation, considerations are made about the possible dialogue between psychoanalysis and literature, brief remarks about the history of homosexuality from various discourses (science, religion, medicine and psychoanalysis) as well as the homosexualities and sexuality developments in psychoanalytic theory based on Freud and Lacan. Therefore, it was found that Adolfo Caminha, without realizing it, speaks of something that pierces the naturalistic speech, revealing in his writing the subject of the unconscious before the impossibility of silencing his instinctual appeal.

Keywords: Homosexuality; Sexuality; Psychoanalysis.

REFERÊNCIAS

- ÁLVAREZ, J. M.; ESTEBAN, R.; SAUVAGNAT, F. **Tratado de psicopatologia psicanalítica**. Madri: Sintesis, 2004.
- ANDRADE, M. R. de M. **Reinvindicações dos homossexuais masculinos nas vicissitudes da época do Outro que não existe**. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2009.
- BECKEL, G. G. **Literatura e Psicanálise: qual a relação?** Apresentada na III Jornada de Psicanálise no Fórum Baiano de Psicanálise e no Café da Manhã da ELBA, Escola Lacaniana da Bahia, 2004.
- BELLEMIN-NOËL, J. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BIRMAN, J. **Freud e a interpretação psicanalítica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.
- BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 33. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CAMINHA, A. **Bom-Crioulo**. Rio de Janeiro: Domingos de Magalhães – Editor, Livraria Moderna, 1895.
- CAMPOS, M. G.; CASTRO, J. E. Freud e a literatura. **Psicanálise & Barroco em revista**, v.12, n.1, p. 59-73, jul. 2014.
- CECCARELLI, P. R. A invenção da homossexualidade. In: QUINET, A.; COUTINHO JORGE, M. A. (Org.) **As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização**. São Paulo: Segmento Farma, 2013. p. 153-167.
- COUTINHO JORGE, M. A. O real e o sexual: do inominável ao pré-conceito. In: QUINET, A.; COUTINHO JORGE, M. A. (Org.) **As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização**. São Paulo: Segmento Farma, 2013. p. 15-28.
- FERREIRA, L. M. A interface entre psicanálise e literatura. **Revista Entrelinhas**, v. 6, n. 1, jan/jun. 2012.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 12. Ed., 1997.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 9ª edição, 2001.
- FREITAS, L. A. P. **Freud e Machado de Assis: uma interseção entre psicanálise e literatura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- FREUD, S. Estudos sobre Histeria (1895). In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 13-35.
- _____. A interpretação dos sonhos (1900). In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. VII. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006.

_____. Delírios e sonhos na “Gradiva” de Jensen (1907 [1906]). In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Escritores criativos e devaneio (1908 [1907]). In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. Os instintos e suas vicissitudes (1914). In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. XIV. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006.

_____. A psicogênese de um caso de homossexualidade numa mulher (1920). In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. XIX. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006.

_____. Fetichismo (1927). In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. XXI. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006.

_____. O prêmio Goethe (1930). In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. XXI. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1990.

_____. O mal-estar na civilização (1930[1929]). In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. XXI. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.

_____. A feminilidade (1933). In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. XXII. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006.

JONES, E. **Vida e obra de Sigmund Freud**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979. p. 739.

LACAN, J. **O Seminário, livro 5**. As formações do inconsciente (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **O Seminário, livro 10**. A angústia (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **O Seminário, livro 19** ...ou pior (1971-1972). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

_____. O aturdido (1972). In: _____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.449-500.

_____. **O Seminário, livro 20**. Mais, Ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. **O Seminário, livro 23**. O sintoma (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LEMOINE, G. Entrevista. In: JIMENEZ, S.; SADALA, G. (Org). **A mulher: na literatura e na arte**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1995, p. 203-205.

MAIA, M. A. M. **Obscenidade do abandono: a devastação feminina em Marilene Felinto**. 2010. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, 2010.

MANDIL, R. **Literatura e Psicanálise: modos de aproximação**. Aletria, 2005. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/poslit>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

MARQUES, Luciana Ribeiro. **Homossexualidade: uma análise do tema sob a luz da psicanálise**. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica), Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2008.

MARQUES, L. R. **As homossexualidades na Psicanálise**. 2010. Disponível em: <http://www.uva.br/trivium/edicao1-dez-2010/artigos/3-as-homossexualidades-na-psicanalise.pdf>. Acesso em: 31 maio 2015.

MARQUES, L. Sexualidade e ética psicanalítica. In: QUINET, A.; COUTINHO JORGE, M. A. (Org.). **As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização**. São Paulo: Segmento Farma, 2013. p. 59-64.

MOTT, L. **Teoria antropológica e sexualidade humana**. 2006. Disponível em: <<http://www.antropologia.ufba.br/artigos/teoria.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

NOBRE, T. L. Considerações sobre Psicanálise e Literatura: uma leitura de Madame Bovary. **Psic. Rev.** São Paulo, v. 19. n. 2, p. 207-224, 2010.

PAOLIELLO, G. A despatologização da homossexualidade. In: QUINET, A.; COUTINHO JORGE, M. A. (Org.). **As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização**. São Paulo: Segmento Farma, 2013. p. 29-46.

PETRI, R. O sujeito do desejo inconsciente. O homem e o impacto da ciência. **Revista Educação e Psicologia**. Edição Especial. v. 1. mar/abr, 2009.

QUINET, A. **A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

QUINET, A. **Os outros de Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

QUINET, A.; COUTINHO JORGE, M. A. (Org.) **As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização**. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

QUINET, A. Homossexualidades em Freud. In: QUINET, A.; COUTINHO JORGE, M. A. (Org.). **As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização**. São Paulo: Segmento Farma, 2013. p. 89-105.

ROUDINESCO, E.; PLON, M.. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, A. M. **Uma convergência entre Naturalismo e Psicanálise, mediante análise de um personagem de Aluísio Azevedo**. 2012. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, 2012.

SILVA, J. S. O. **O Enigma da Morte em Machado de Assis**. João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 2007.

SOLER, C. A maldição sobre o sexo. In: QUINET, A.; COUTINHO JORGE, M. A. (Org.). **As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização**. São Paulo: Segmento Farma, 2013. p. 119-130.

TONIETTE, M. A. Um breve olhar histórico sobre a homossexualidade. **Revista brasileira de sexualidade humana**. São Paulo, v. 17, n. 1, p. 41-52, 2006.

VILLARI, R. A. **Literatura e Psicanálise: Ernesto Sábato e a melancolia**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002.

ZAMBRANO, E. “**Nós também somos família**”. Estudos sobre parentalidade homossexual, travesti e transexual. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2008.